

NONADAS DE FRANCÈS

## NOTA BIBLIOGRÁFICA

I. Folha volante que a Faculdade de Letras de Lisboa mandou imprimir (com outras de outros professores), quando o autor do presente volume aí regeu Filologia francesa.

II. Reprodução de parte de um artigo publicado em 1883 na *Revista Científica* do Pôrto, págs. 586-590, a respeito do *Almanach des traditions populaires*, de E. Rolland (Paris 1883), onde vem um artigo de Loys Brueyre intitulado «*Proverbes créoles de la Guyane française*».

# I

## PROGRAMA DA CADEIRA DE LÍNGUA E LITERATURA FRANCESAS

### 1.º ano

#### I

1. Introdução à Filologia francesa. — Linguas pré-românicas da Gália. — Expansão da língua latina. — Influência germânica. — O que costuma entender-se por *galo-românico*. — Francês e seus períodos. — Dialectos (e *patois*). — Bibliografia.

2. Elementos de Fonologia histórica. — Leis fonéticas em geral. — Excepções às leis fonéticas. — Sons latinos e sua transformação em francês: consoantes, vogais, ditongos. — Sons germânicos. — Palavras de origem popular, palavras de origem culta.

#### II

Conceito da palavra « Literatura ».

Divisões da literatura francesa. — Literatura medieval.

Primeiros monumentos literários do francês.

Poesia narrativa, lírica, e dramática da idade-média.

Obras didácticas.

Historiografia mediéfica.

Primeiras traduções latinas (religiosas, etc.).

Tradução e comentário de textos medievais: uns, extraídos da *Chrestomathie* de G. Paris & E. Langlois; outros, dados pelo professor.

## 2.º ano

### I

Morfologia histórica. — Declinação e conjugação. — Partículas. — Formação de palavras. — Diferenças entre o francês arcaico e o francês moderno.

Sintaxe e Estilo.

### II

Transição da literatura medieval para a moderna. Literatura moderna: seus períodos; principais correntes, e principais autores de cada período.

Tradução e comentário de textos modernos: 1) *Fables* de La Fontaine; 2) uma ou mais comédias de Molière. — Na tradução o professor chamará a atenção dos alunos para o lamentável uso de galicismo em português.

### II

#### CRIOULO FRANCÊS DA GUYANA

Está-se prestando actualmente nos círculos científicos muita atenção aos dialectos crioulos derivados das línguas faladas na Europa, como o demonstram os trabalhos de Adolfo Coelho, Hugo Schuchardt, E. Teza, etc., e por isso o artiguinho do S.<sup>or</sup> Brueyre, além do valor folklórico, tem valor glotológico, porque constitue um documento do dialecto românico-crioulo

do Guyana, isto é, do francês modificado pelos indígenas. No trabalho que o S.<sup>or</sup> Adolfo Coelho consagrou aos *Dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América* (publicado no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 2.<sup>a</sup> série, n.<sup>o</sup> 3), o crioulo da Guyana, à falta de documentos, acha-se representado apenas por algumas indicações bibliográficas extraídas da *Mélusine*; ensaiarei, pois, um estudinho dêste dialecto, baseando-me no texto ministrado pelo S.<sup>or</sup> L. Brueyere a págs. 110-111 do *Almanach*, e servindo-me, como têrmo de comparação, do francês literário:

I. FONÉTICA. — 1) O e átono medial está representado por *i*: *chimin* (chemin), *prouminée* (promener), *piti* (petit), *tini* (tenir); 2) *œu* representado por *e* e *io*: *bef* (bœuf), *quior* (cœur); 3) *eu* representado por *e*: *coulev* (couleuvre), *yé* (yeux); 4) *eil* representado por *é*: *solé* (soleil); 5) *eille* representado por *eie*: *zoreies* (oreilles); 6) *r* sincopado, entre vogal e consoante, em *descende* (descendre), *coulev* (couleuvre), *viv* (vivre), e apocopado em *móri* (mourir), *pou* (pour); 7) aférese (aparente) em *gâdé* (regarder) e *oulé* (\*vouler = vouloir); 8) em *gréméci* (grand merci) há assimilação com mudança de *a* em *é* e queda do *r*; 9) *ai* está representado por *ain* em *jamain* (jamais) e *conain* (connaît, connaître); 10) as formas *oúnso* e *oímso*, correspondentes a *seul*, não são muito claras para mim; contudo, creio que *seul* está representado apenas pela sílaba final *so* (cfr. o borg. só, fem. sole) precedido de *oún*, *oím* estarão por *un*.

II. FLEXÃO E SINTAXE. — 1) O verbo *être* desapareceu; o verbo *savoir* está representado por *savé* (\*saver), por analogia com a 1.<sup>a</sup> conjugação, do mesmo modo que *vouloir* o está por *oulé* (\*vouler); o verbo *avoir* está substituído por *tini* (tenir); os verbos usam-se só no in-

finitivo, como em *ça qui gâdé* por *celui qui regarde*. 2) A negação *ne pas* está representada apenas por *pas*. 3) *Li* (lui) é um pronome que serve de sujeito; em alguns exemplos vem seguido de *ka*; cfr. na introdução dos *Contes créoles* (da Guyana) do mesmo A. (in *Mélusine*, 1, col. 24) esta frase, que parece ter escapado ao S.<sup>or</sup> Adolfo Coelho, que não a cita: « *Li k'aller à Paris? li k'aller voir maîtresse? Ah! si mô li!* 4) Os pronomes do grupo *celui qui* estão representados por *ça qui*. 5) Não há distinção nem de género, nem de número: *so zoreis* (ses oreilles), *gran solé* (grand soleil), *gran boi* (les grands bois), *so maman* (sa maman), *tou bon* (tout est bon), *tou parole* (toute parole). 6) No texto que tenho presente o pronome *so* (son) traduz *sua* e *suas*; é evidente que traduz também *seu* e *seus*. 7) Há supressão de artigos e às vezes de preposições; mas a respeito do artigo dá-se coalescência em *z'affairs* (que no *Almanach* vem mal escrito *z'affairs*) por *affaires* (isto é, *les affaires*), e em *zoreiees* por *oreis* (isto é, *les oreilles*). 8) Na citada frase da *Mélusine* o pronome *moi* está representado por *mô*.

O curto estudo precedente mostra-nos que o francês-crioulo da Guyana obedece às mesmas leis gerais que os outros dialectos crioulos. Assim a redução das formas verbais ao infinitivo dá-se na ilha Maurícia, na Luísiana; a quédia do *r* aparece não só nestas duas últimas localidades, mas nos próprios *patois* do Continente francês; a falta de desinências que marquem os géneros e os números, a coalescência do artigo com o substantivo, o desaparecimento do artigo como forma independente, etc., etc., são fenómenos vulgarísimos nos dialectos crioulos, e ainda, em parte, noutras línguas.

Para se compreenderem melhor os fenómenos revelados pelos dialectos crioulos é mister compará-los com os dialectos que lhes deram origem, e tais quais se falavam na época da colonização ou descobrimento, porque cousas que se supõem próprias dos dialectos crioulos podem existir já nos dialectos ou *patois* das metrópoles (cfr. wall. *tini*, *piti*, etc.). Aos eruditos franceses pertence essa tarefa pelo que diz respeito ao crioulo da Guyana.

Pôrto, 4 de Dezembro de 1882.

